

AMBIENTE VIRTUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL



# Missão Artística Francesa



Michelle Coelho Salort

MICHELLE COELHO SALORT

# MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA

1<sup>o</sup> edição

Rio Grande  
Edição do Autor  
2018

**Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)**  
**Informações concedidas pelo autor**

S175m	Salort, Michelle Coelho
	Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : Missão artística Francesa. / Michelle Coelho Salort. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. do autor, 2018.
	14 p. ; il. Inclui bibliografia.
	1. História do Brasil. 2. Arte Brasileira. 3. Arte Francesa. 4. Arte Riograndina. I. Título
ISBN 978-85-924820-0-8	CDD 759.4

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191

## Missão Artística Francesa

*Devido à sua constituição natural e histórica, Rio Grande sempre foi um lugar de passagem para muitas pessoas. Muitos viajantes estiveram por aqui e registraram sua passagem em forma de escrita, desenhos e pintura. Uma destas pessoas foi Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que pintou uma aquarela sobre a nossa cidade em 1824. Debret chegou ao Brasil em 1816 como integrante da Missão Artística Francesa.*

***Você sabe o que foi essa Missão? Vamos descobrir?***

No começo do século XIX, os exércitos de Napoleão Bonaparte conseguem invadir Portugal, obrigando o rei D. João VI, sua família e corte a se refugiarem no Brasil que, na época, era colônia de Portugal (Figura 01). Com a vinda da Família Real em 1808, aconteceram fatos importantes que contribuíram para o desenvolvimento do país, como a abertura dos portos, que encerrou o pacto colonial de monopólio com a metrópole. A partir desse momento, o Brasil entrava no circuito de expansão do capitalismo europeu (PEREIRA, 2008).



**Figura 01.** Anônimo, *Partida da família real*, s.d. Fonte: <http://lisboa-e-o-tejo>.

Quando a corte chegou ao Brasil, encontrou uma colônia estagnada, com poucos luxos ou atrativos culturais, cujos súditos eram, em sua grande maioria, analfabetos. Assim, com o intuito de adaptar a cidade do Rio de Janeiro para melhor abrigar a Corte portuguesa, D. João VI implementou uma série de medidas, visando dar ao Brasil um perfil atualizado. Sugiram as primeiras fábricas e instituições como o Banco do Brasil, a Biblioteca Real e a Imprensa Régia (PROENÇA, 2005).

Em 1815, o Marquês de Marinalva, embaixador de Portugal na França, teria a incumbência de contratar artistas renomados para serem levados ao Brasil e, assim, criarem uma escola profissionalizante não só para artistas, mas também, para profissionais da indústria, transformando o Brasil em um centro independente e autônomo (SCHWARCZ, 2008).

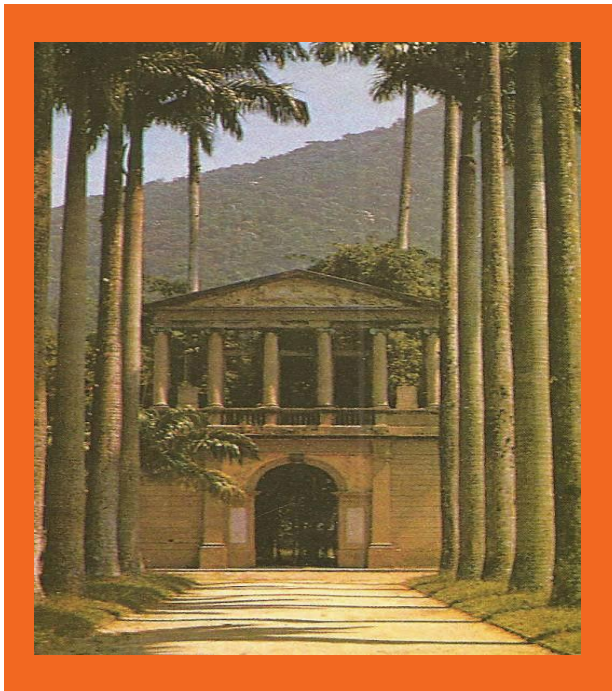
Além disso, um dos objetivos de D. João em trazer artistas franceses era enaltecer a imagem da corte, e nada melhor que a arte para desempenhar esse papel, especialmente em uma sociedade iletrada. Diante de tal circunstância, uma iconografia em estilo neoclássico, no sentido de enaltecer a imagem real, seria bem-vinda. Schwarcz (2008, p.

176) afirma que a “Arte a serviço do poder era uma prática corriqueira”.

Por outro lado, temos um legado de artistas renomados que, com a queda de Napoleão Bonaparte, viram-se obrigados a mudar de rumo, tanto em relação à sua Arte quanto sua vida. Os artistas franceses já tinham contato com inúmeras publicações que contavam histórias sobre o novo mundo, fato que aguçava sua curiosidade. Entre elas, destacamos a obra do viajante alemão Alexander Von Humboldt, que percorreu a América espanhola em 1811. Humboldt era membro do Instituto de France e colega de Joaquim Lebreton, responsável pela comissão de artistas franceses vindos para o Brasil. Dela faziam parte, entre outros artistas, Nicolas Antoine Taunay, Jean-Baptiste Debret, Auguste-Henri-Vitor Grandjean de Montigny.

Assim, o ano de 1816 é marcado, pela chegada da Missão Artística Francesa, cujo objetivo era colocar em funcionamento a Academia Imperial de Belas-Artes – Aiba (Figura 02), que começou suas atividades em 1826 e ofereceu um ensino apoiado nos conceitos do classicismo como: a compreensão da Arte como representação do belo ideal; a valorização dos

temas nobres, em geral de caráter exemplar, como a pintura histórica; a importância do desenho na estruturação básica da composição e a preferência por algumas



técnicas, especialmente a pintura a óleo, ou de alguns materiais, sobretudo o mármore e o bronze, no caso da escultura (PEREIRA, 2008).

**Figura 02.** Aléia Barbosa Rodrigues com o portal da antiga Academia de Belas Artes ao fundo  
Fonte: - Arquivo JBRJ

### Nicolas Antoine Taunay

Taunay nasceu em Paris, em 1755, e desde jovem foi preparado para seguir a carreira de pintor. Sua família era conhecida por desenvolver cores de esmaltes usados nas porcelanas, em couros e ouro. Com treze anos Taunay, já frequentava o ateliê de Lépicié (um artista bem conhecido em Paris) e, em abril de 1772, ganhou sua primeira medalha com uma pintura de paisagem. Começou, então, a estudar com Benet, pintor de história, que fez Taunay desenvolver melhor a técnica do desenho em estilo mais nobre e equilibrado. Depois, tornou-se aluno de Francisco Casanova, um veneziano reconhecido por pintar batalhas. Com Casanova, Taunay aprendeu a desenhar cavalos e a representar cenas de guerra e batalhas. Em 1784, viaja para Roma e lá se depara com a influência do pintor Jacques-Louis David (1748-1825) que ordenava a volta à Antiguidade e a supremacia das telas históricas. Nesse período, Roma era um local de encontro de artistas de várias nacionalidades. Entrou em contato com a obra de Pierre-Henri Valenciennes, Joseph Vernet, especialista em retratar telas com motivos marítimos, tempestades e



noites profundas. Com todas essas influências, Taunay começou a apresentar telas com destaque para um céu mais dramático e a arquitetura fazia parte da preocupação desse artista. Depois da estadia em Roma, Taunay não largaria mais a pintura de paisagem (SCHWARCZ, 2008).

Em 1787, retorna à França e se casa com Marie-Joséphine, com quem teve cinco filhos, e começa a expor seus quadros nos salões parisienses. No ano de 1796, integra o recém-criado Instituto de França. Em 1805, torna-se um pintor do círculo de Napoleão (1769-1821) e retrata as campanhas napoleônicas na Alemanha (Figura 03).

Com a derrota de Napoleão, Taunay se encontra em uma situação difícil na França daquele período, assim, resolve integrar a comissão de artistas organizada por Lebreton, que se dirigia ao Brasil.

O Brasil representava para Taunay a chance de um recomeço, de refazer seu patrimônio, de retirar do atual cenário francês seu filho, que ocupava um posto no exército bonapartista, de se afastar de um contexto marcado



**Figura 03.** Taunay, *Entrada de Sua Majestade o Imperador dos franceses na cidade de Munique (24 de outubro de 1805)* – 1806. Fonte: <http://art.rmngp.fr/fr/library/artworks/nicolas-antoine-taunay>

pela guerra e do Instituto e, principalmente, a oportunidade de praticar o estilo de pintura que mais o agradava: a pintura de paisagem em um lugar onde a natureza era fonte de inspiração.

No Brasil, foi recebido como pintor de paisagem, o que muito o agradou, como contratado da corte para lecionar na futura Aiba. Taunay aguardava sua construção pintando muitos retratos (Figura 04).

Neste retrato, é possível observar, por meio da maestria de Taunay, que a marquesa seguia os padrões da moda em seus trajes, embora suas



roupas mostrem o luto pela morte da rainha D. Maria I, de quem era dama de companhia.

Entretanto, é na pintura de paisagem que Taunay se destaca no Brasil. Em suas obras, percebemos a exuberante natureza brasileira, o céu dramático, o mar sereno. Taunay representa o Brasil como um ambiente calmo, destaca sua natureza tranquila, as personagens aparecem diminutas em suas obras (Figuras 05 e 06), a natureza é sempre o motivo principal, porém, os nobres são apresentados com perfeitas miniaturas (Figura 07), enquanto os negros são pouco delineados (SCHWARCZ, 2008).

Assim, a escravidão é



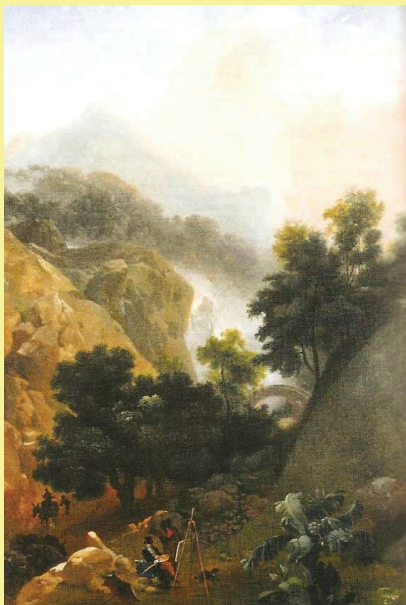
**Figura 04.** Taunay. *Retrato da marquesa de Belas*, 1816- 21.

Fonte: <http://pinacoteca.org.br/acervo/obras/>



**Figura 05.** Taunay, *Vista da baía do Rio tomada das montanhas de Tijuca e do Alto da Boa Vista*, 1816-21.

Fonte: <http://museuscastromaya.com.br>



**Figura 06.** Taunay, *Cascatinha da Tijuca*, 1816-21.

Fonte: Museu do Primeiro Reinado - RJ

mostrada em suas obras como algo naturalizado. O escravo aparece sempre trabalhando (Figura 08), servindo aos nobres, o que será muito diferente na obra de Jean-Baptiste Debret.

Com a morte de Lebreton, em 1819, o cargo de diretor da Academia deveria ser de Taunay, já que ele tinha prestígio para tal. Entretanto, o visconde de São Lourenço considerou que o cargo

estaria melhor nas mãos do pintor português Henrique José da Silva, fato que deixou Taunay muito incomodado e o fez retornar para a França em 1821, deixando o cargo de pintor de paisagem para seu filho Félix Taunay (1785-1881).

Na França, retomou os temas históricos e sua carreira de sucesso até falecer em 1830.



**Figura 07.** Taunay, *Vista do Pão de Açúcar a partir do terraço e Sir Henry Chamberlain*, 1816-21.

Fonte: <http://cultura.estadao.com.br/fotos/geral,vista-do-pao-de-acucar-a-partir-do-terraço-de-sir-henry-chamberlain-1816-1821,310780>



**Figura 08.** Taunay, *Vista do Largo do Machado em Laranjeiras*, 1816-21.

Fonte: <http://libraries.cua.edu/oliveiralima/collections.cfm>

## Jean-Baptiste Debret

Debret nasceu em Paris em 1768 e era primo do ilustre e renomado pintor David, com quem viajou para Roma quando completou seus estudos secundários. Entre 1784-5, convive em um ambiente cultural significativo e teria contato direto com obras de artistas renascentistas que testemunhavam a grandeza do ideal clássico. Por influência de David,



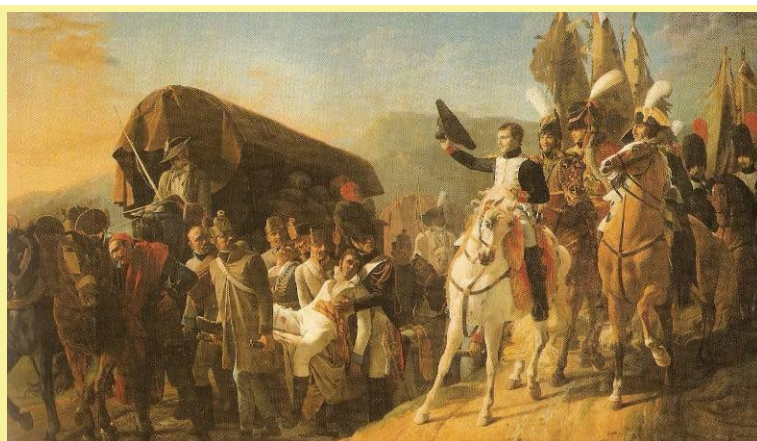


**Figura 09.** David, *O juramento dos Horácios*, 1784-5.

Fonte: <https://www.louvre.fr/oeuvre-notices/le-serment-des-horaces>

período.

Começou a expor seus trabalhos nos salões parisienses mostrando



**Figura 10.** Debret, *Napoleão homenageia os corajosos desafortunados*, 1806.

Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/brasil2imagensB.html>

exaltação ao imperador e a imponência de seu exercito (Figura 10).

Entretanto, com a queda de Napoleão, o exílio de seu primo na Bélgica e a morte de seu único filho, Debret resolve



**Figura 11.** Debret, *Aclamação de D. João VI no Rio de Janeiro*, 1835.

Fonte: <http://dpedroiv.pt/cronologia/1818/fevereiro/6/d--joao-vi-e-aclamado-rei-no-rio-de-janeiro/54>

tornou-se um pintor de história, de estilo clássico e trabalhou juntamente com o primo na tela *O Juramento dos Horácios* (Figura 09). De volta à França em 1785, ingressou na Escola de Belas-Artes e dirigiu o ateliê de David por 15 anos, o qual foi considerado o mais importante da Europa no

cenas da vida de Na poleão e assuntos que lembravam a grandeza de Roma, sempre em estilo neoclássico. Torna-se um pintor do circulo de Napoleão com sua temática de

se afastar da França e integra a comitiva de Lebreton em sua viagem ao Brasil.

Juntamente com a equipe de Lebreton, Debret chega ao Brasil em 26 de março de 1816, um momento marcado pelo falecimento da rainha D. Maria I.



**Figura 12.** Debret, *Desembarque de D. Leopoldina no Brasil, 1817.*

Fonte: <http://mnba.gov.br/portal/colecoes/pintura-estrangeira>

Assim, Debret, na qualidade de pintor histórico, ficou responsável por registrar a aclamação de D. João VI (Figura 11), a chegada da princesa

Leopoldina (Figura 12), a coroação de D. Pedro I (Figura 13), além de retratos da família real.

No Rio de Janeiro, ministra aulas de pintura em seu ateliê enquanto a Aiba está sendo construída. Recebe Simpício de Sá (1785-1839) como aluno. Entre 1826 a 1831, leciona pintura histórica na Aiba e tem como alunos Porto Alegre (1806-1879) e August Müller (1815-1883). Em 1829, organiza a Exposição da Classe



**Figura 13.** Debret, *Coroação de D. Pedro, Imperador do Brasil, 1839.*

Fonte: <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=J&cd=3571>



de Pintura Histórica da Imperial Academia das Belas-Artes, primeira exposição de Arte do Brasil.

Suas atividades na Aiba eram intercaladas com viagens para várias cidades do país, para registrar tipos humanos, costumes e paisagens locais, um trabalho importante. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, que ele publicaria em 1834 já de volta à França. Debret morreu em 1848 em

Paris.

Em sua estada no Brasil, é possível destacar dois estilos artísticos: o primeiro, o Debret histórico de estilo neoclássico, que registra em suas telas a óleo a corte, a nobreza da colônia e depois do país

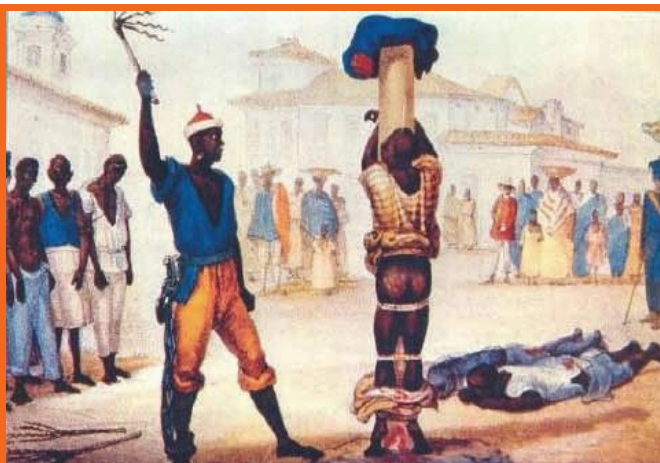


**Figura 14.** Debret, *Castigo de escravo*, 1834.

Fonte: <http://gazzetadachapadadiamantina.blogspot.com.br>

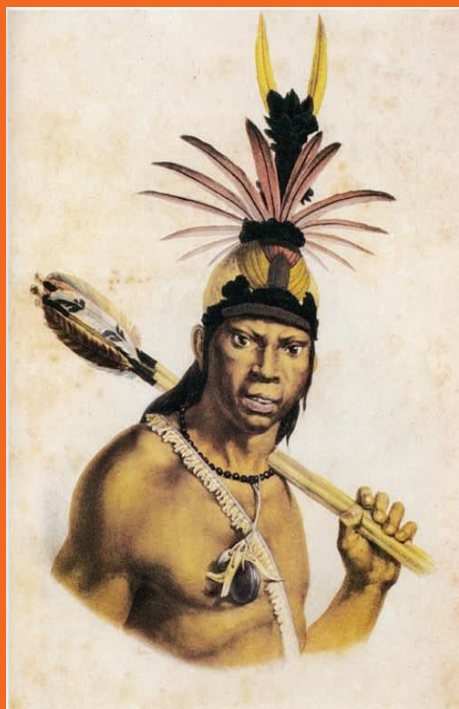
independente Brasil; já a segunda, em desenhos e aquarelas o pintor registra suas inúmeras viagens pelo interior do país, nos quais ganha destaque o cotidiano brasileiro daquela época. Podemos observar o registro de hábitos e costumes do século XIX no Brasil por meio dos traços

precisos e das observações que Debret fazia acerca do que via a seu redor. É comum, nestas obras, o registro da escravidão, mas diferente de Taunay, Debret, coloca os escravos em primeiro



**Figura 15.** Debret, *Aplicação do castigo do açoite*, 1835.

Fonte: <http://maniadehistoria.wordpress.com/>

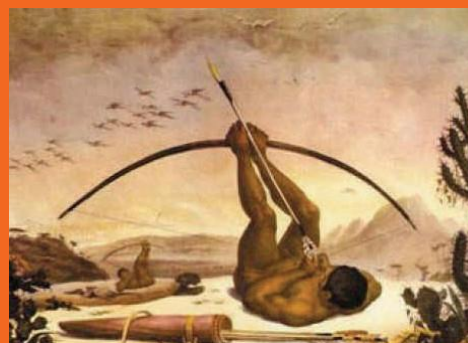


**Figura 16.** Debret, *Homem Camacan*  
*Mongoio*, 1834.

Fonte: <http://merciogomes.com/2011/04/>

plano, chama a atenção do observador para esse drama que nossa sociedade vivenciou (Figuras 14 e 15).

Debret revela também em seus estudos a presença do índio brasileiro (Figuras 16 e 17) e também as origens da constituição do povo gaúcho (Figuras 18 e 19).



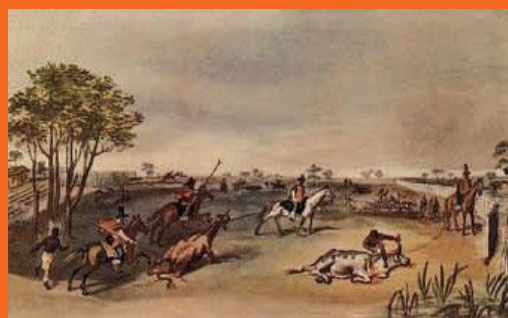
**Figura 17.** Debret, *Caboclo*, *índio civilizado*, 1834.

Fonte: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752009000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752009000100005)



**Figura 18.** Debret, *Charruas civilizados*, *peões*, 1834.

Fonte: <http://www.vivaucharque.com.br/ocharque/historia>

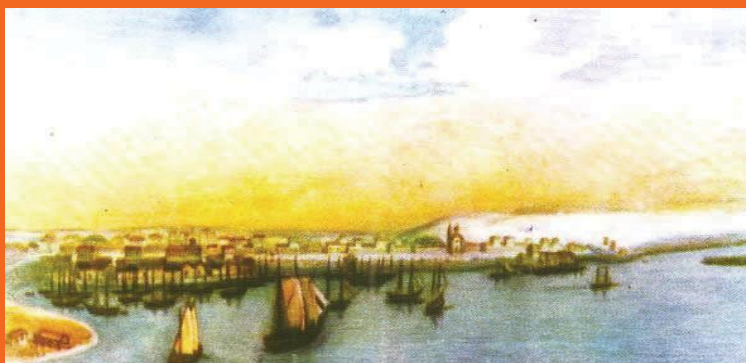


**Figura 19.** Debret, *Campeiro dos Pampas*, 1834.

Fonte: <http://www.vivaucharque.com.br/ocharque/historia>

## Debret e Rio Grande

Não se sabe exatamente quando Debret passou por nossa localidade, mas o fato é que uma das primeiras ilustrações de nosso município foi feita por Debret em 1824 (Figura 20). Nessa época, Rio Grande ainda era conhecida como Vila do Rio Grande.



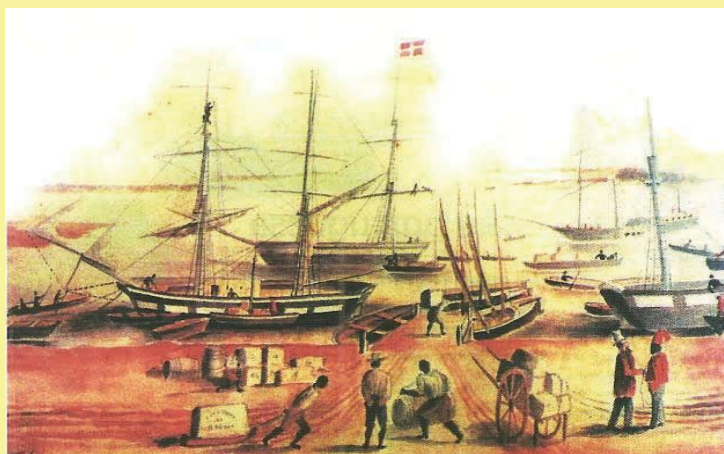
**Figura 20.** Debret, *A Vila do Rio Grande*, 1824.

Fonte: TORRES, 2008

É possível observar na aquarela a concentração de prédios na área aterrada que formou a rua Nova das Flores, depois chamada de rua da Boa Vista e, mais tarde, de Riachuelo. No centro da obra, é possível observar a capela São Francisco e a Matriz de São Pedro. Percebemos também a atual área das praças Xavier Ferreira e Tamandaré como extensões de areia que se deslocavam e formavam dunas, e consistia em uma preocupação constante dos moradores da Vila do Rio Grande da época (TORRES, 2008).

Outro viajante que deixou registrada sua passagem por nossa cidade em forma de aquarela foi Herrmann Rudolf Wendroth (s/d-1860). Wendroth foi um mercenário e artista plástico contratado para prestar seus serviços às forças armadas. Entretanto, contribuiu com suas aquarelas e desenhos registrando os lugares, as pessoas e os costumes de nossa terra. Sobre Rio Grande, Wendroth, deixou duas aquarelas, *O trabalho no porto* (Figura 21) e *O porto do Rio Grande* (Figura 22).

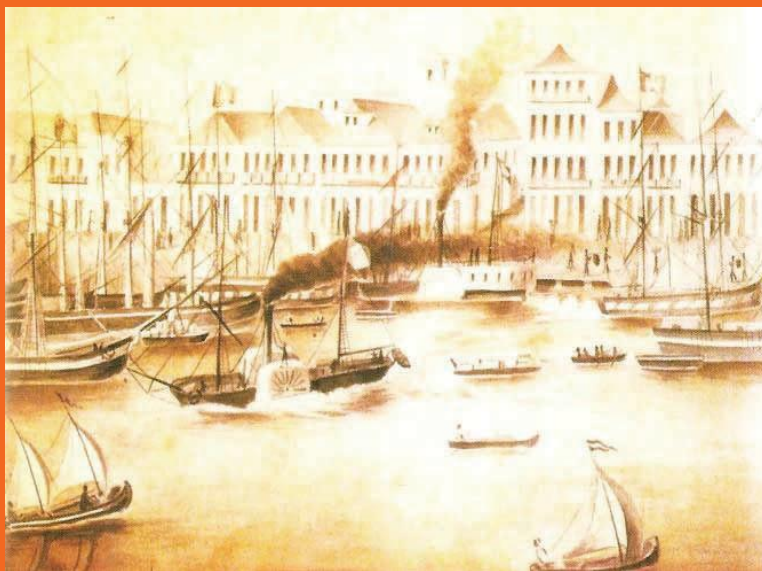




**Figura 21.** Wendroth, *O trabalho no porto*, 1852.

Fonte: TORRES, 2008

Nesta aquarela, Wendroth mostra o trabalho no Porto velho em 1852. Observamos que a mão de obra em sua grande maioria era escrava. Nessa época, cerca de 25% da população riograndina era formada por escravos trazidos à nossa cidade para o trabalho tanto para atividades portuárias e domésticas (TORRES, 2008).



**Figura 22.** Wendroth, *O porto do Rio Grande*, 1852.

Fonte: TORRES, 2008

Em *O porto do Rio Grande*, Wendroth mostra a grande movimentação de embarcações. É possível observar navios a velas misturados a navios a vapor e ainda as casas da rua da Boa Vista ao fundo (TORRES, 2008).

Torres (2008), nos mostra a imagem (Figura 23) de Francis Richard (s/d), que foi publicada no jornal francês *Le Figaro*, em 1865. Esta imagem mostra o Cais da Boa Vista antes das obras de 1872.



**Figura 23:** Richards, *O Cais da Boa Vista*, 1865

Fonte: TORRES, 2008

## Referências

- PEREIRA, Sonia Gomes. *Arte Brasileira no Século XIX*. Belo Horizonte: C / Arte, 2008.
- PROENÇA, Graça. *Descobrendo a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- TORRES, Luiz Henrique. *Rio Grande: imagens que contam a história*: SMEC, 2008.

## Sites

- <http://www.vivaocharque.com.br/ocharque/historia>
- [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752009000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752009000100005)
- <http://merciogomes.com/2011/04/>
- <http://maniadehistoria.wordpress.com/>
- <http://www.pinaotec.a.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=J&cd=3571>
- <http://gazzetadachapadadiamantina.blogspot.com.br/2012/04/quanto-custa-sua-liberdade.html>
- <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/brasil2imagensB.html>